



EDUCAR PELA PESQUISA

Fabiana Pauletti¹

(Recebido em 05/09/2013; aceito 02/02/2014)

DEMO, Pedro. **Educar pela pesquisa**. 6. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2003.

Este livro lançado há mais de uma década é ainda uma utopia para o contexto de ensino e aprendizagem. A obra é organizada pelo professor Pedro Demo², sendo uma proposta clara de como inserir a pesquisa como prática corriqueira no ensino básico até o universitário. A sequência de edições que o livro foi publicado denunciam o valor epistemológico que o livro concentra. A proposta de inserção da pesquisa no âmago do processo de ensino e aprendizagem conjecturam para uma nova visão de sujeitos que participam ativamente desse processo; desaparecem figuras difundidas, como o professor transmissor, e o aluno passivo e surgem respectivamente o pesquisador e o construtor de novas interpretações.

A obra *Educar pela pesquisa* de Demo apresenta uma proposta desafiadora para os profissionais da educação; a mesma direciona o processo de ensino e aprendizagem mediado a educar pela e através da pesquisa, abrangendo desde a educação básica até a educação acadêmica. Assumir o aluno como um parceiro de pesquisa, relacionar a teoria e a prática, valorizar o trabalho em equipe, motivar o aluno a fazer suas próprias interpretações, são alguns dos desafios destacados pelo autor, mas para fadar esses desafios é imprescindível que o professor internalize a pesquisa, de modo, que a faça como atitude cotidiana.

A relevância do livro encontra-se na proposta de ensinar pela pesquisa. Poderíamos dizer, como Demo (2003, p. 01) que o desafio de educar pela pesquisa redefine o contexto de ensino, pois “o interesse está voltado a fundamentar a importância da pesquisa para a educação, até o ponto de tornar a pesquisa a maneira escolar e acadêmica própria de educar”. Logo, é uma abordagem que se adapta a qualquer profissional da educação, pois trata de questões que estão no cerne da educação, desde as mais específicas, a questões de ordem mais geral, que implicam na formação da competência humana, em outras palavras,

¹ Graduada em Licenciatura em Química pela Universidade de Caxias do Sul (UCS). Mestre em Educação pela UCS, Brasil. E-mail: fpaulet1@ucs.br

² Pedro Demo é professor titular aposentado da Universidade de Brasília. Professor Emérito. Fez pós-doutorado na UCLA/Los Angeles (1999-2000). Tem experiência na área de Política Social, com ênfase em Sociologia da Educação e Pobreza Política. Trabalha com Metodologia Científica, no contexto da Teoria Crítica e Pesquisa Qualitativa. Pesquisa principalmente a questão da aprendizagem nas escolas públicas, por conta dos desafios da cidadania popular.

o livro ataca questões de importância capital que transcorrem da educação escolar até a acadêmica.

O livro é composto dois capítulos, sendo o primeiro capítulo direcionado a educação básica, com o título: “o desafio de educar pela pesquisa na educação básica”, dividindo-se ainda em três itens. O primeiro item aborda os *pressupostos*. No segundo direciona-se a *pesquisa no aluno*. E o último aborda a *pesquisa no professor*. O segundo capítulo do livro está voltado a educação Universitária, com o título: “currículo intensivo na Universidade”, que é dividida em dois itens. No primeiro trata os *pressupostos*, onde é composto por alguns subitens: (1) cidadão competente, (2) profissional competente, (3) formação da competência na universidade, e ao final deste, é que nos deparamos com os *ensaios de currículo intensivo*, composto igualmente de quatro subitens: (1) definindo termos, (2) bases gerais do currículo intensivo, (3) exercícios curriculares intensivos e (4) riscos e desafios.

A partir da apresentação do livro é possível identificar variáveis que permitem o leitor ter uma noção do vasto e valioso conteúdo que o livro aborda, ou seja, a obra ultrapassa o horizonte escolar, vai muito além do contexto da escola, ou acadêmico, isto é, o livro arquiteta um processo de ensino que altera os ideais frequentemente estipulados pelas escolas. A ideia central do livro é um ensino composto de aproximadamente um ou dois períodos (carga horária) em sala de aula, para as disciplinas que compõem o currículo. O salto quântico de educar pela pesquisa, proposto por Demo é de tratar a pesquisa como força motriz no processo de ensino e aprendizagem. O autor sugere que a educação não seja só ensino, treino, ultrapassa este horizonte. Para o autor, a educação é o alicerce para a formação da autonomia crítica e criativa do sujeito histórico competente.

Dentre todos os desafios de educar pela pesquisa na educação básica que Demo aponta, um talvez tenha despertado maiores reflexões; a ideia sarcástica de que a educação pela pesquisa seja essencialmente responsabilidade da educação acadêmica/universitária. Ora, realmente esta questão aponta uma visão atual de nossa realidade a qual vê e considera a pesquisa como sendo dever da educação acadêmica. O que se evidencia disso tudo, é que a pesquisa é considerada como uma “batata quente” e vai passando de mão em mão e ninguém assume a responsabilidade, ou seja, nenhuma instituição de ensino, seja escola de Ensino Fundamental ou de Ensino Médio, ou mesmo o Ensino Universitário, se engaja ou compromete-se para instituir um ensino autônomo através da pesquisa. Tipicamente, as instituições de educação escolar e universitária não reconhecem que a base da educação encontra-se na pesquisa, e não na aula, ou em simples ambiente de socialização, ou mesmo no mero contato entre professor e aluno.

Evidencia-se que a pesquisa forma o sujeito criativo e crítico, e que a aula geralmente é copiada e repassada e isso não constrói nada. Em suma, para que o espaço escolar e universitário tornem-se um ambiente de pesquisa é necessário que o professor e o aluno assumam essa prática como atitude cotidiana e que o questionamento seja reconstruído permanentemente.

Os processos de educar e de pesquisar não são tratados como dualismos, ao contrário, são processos coincidentes e complementares, que se unem para um fim que resulta na formação da competência humana e histórica. Da mesma maneira referem-se à formação de um sujeito competente, no sentido de ser capaz de, tomando consciência crítica, formular, criticar, mas com base na crítica, intervir alternativamente no contexto em que está inserido.

Tampouco, não podemos deixar de avaliar os motivos de cunho ideológico e político que sustentam nossa educação escolar e também a universitária. A base de ambos está no “vencer o conteúdo”, e neste cenário não ocorre à preocupação com a aula copiada; instaura-se a ausência de produção individual e coletiva dos alunos. Nesse sentido, é necessário romper as barreiras ou entraves impostos por ideologias políticas e também reformular o currículo, bem como as finalidades do ensino tanto em nível básico como em nível universitário brasileiro, onde a maioria dos estudantes estão inseridos, nas Universidades particulares e noturnas, que nem sempre privilegiam a pesquisa como parte estruturante na formação dos estudantes e nem dos professores.

Educar pela pesquisa significa valorizar o trabalho em equipe, buscando o equilíbrio entre individualidade e solidariedade, é habituar o aluno a ter iniciativa na busca de material para a pesquisa: é combater a receita pronta. Em outras palavras, educar pela pesquisa é motivar o aluno a fazer suas próprias interpretações, reelaborando-as, é ceifar a imagem de aluno passivo para um aluno ativo, é subsidiar o aluno para a formação de sua atitude crítica, que saiba pensar e aprender a aprender.

Evidentemente, é condição fatal da educação pela pesquisa que o professor seja um pesquisador, de maneira que assuma a pesquisa como atitude cotidiana, deve igualmente (re)construir o projeto pedagógico próprio, (re)construir textos científicos, (re)fazer seu próprio material didático, inovar a prática didática e eminentemente recuperar a competência, através de cursos de atualização, de eventos, de um ensino de pós-graduação, etc.

A segunda parte do livro é destinada a discussão do currículo intensivo na Universidade, e conforme Demo (2003, p. 55) o currículo intensivo representa uma “[...] proposta de organização alternativa da didática acadêmica (universitária ou educação superior), tendo em vista o perfil do cidadão e do profissional moderno, de quem se espera *competência questionadora reconstrutiva*, não a simples reprodução de saberes e fazeres” (grifo do autor).

Neste capítulo, o autor adapta as colocações feitas anteriormente com relação ao ambiente acadêmico. Trata criticamente os fins mercadológicos de muitas universidades, principalmente as particulares e noturnas, onde a pesquisa não é vista como meio de formação de indivíduos. Demo chama a atenção para os que deveriam ser os pressupostos das universidades, os mesmos concentram-se em duas frentes: a primeira, relaciona-se a desenvolver a competência humana; e na segunda seria formar cidadãos críticos, politizados e pesquisadores que podem fazer a diferença no seu contexto social e no mercado de trabalho, devido sua competência questionadora reconstrutiva.

O desvelamento das problemáticas do livro as quais foram apresentadas, remetem o leitor há uma retrospectiva de toda sua educação, desde a base (Ensino Fundamental), até o Ensino Universitário. Com isso, o leitor percebe as mazelas de um sistema de ensino a qual foi educado e que ainda prevalecem. Tal retrospectiva resulta, talvez em certa revolta, como é o caso da autora desta resenha, por simplesmente ser uma vítima de várias mazelas do processo de ensino e aprendizagem. Pois por pura e simples ausência de iniciativas que incluíssem a pesquisa na formação básica e universitária, viu-se muitas vezes “despida” em diversas situações. O efeito mais singular que pode ser descrito foi em relação a dificuldade de expressar em palavras o sentido e significado que brotam da fusão das vivências pessoais, profissionais e acadêmicas que requerem a escrita, ou seja, o despreparo na produção de um texto. Mas acima de tudo, não é o caso de culpar, ou de encontrar responsáveis, mas de assumir-se como educador pela pesquisa.

O livro desperta também, a consciência e a vontade de tentar mudar, de não ser apenas mais um no meio de tantos educadores, que não alimentam-se do questionamento reconstrutivo, adequando-se e apossando-se do alto potencial de disseminação, de socialização, de interação que é possível através das ferramentas informatizadas, e como profissional competente reconhecer que as mesmas assumiram o papel de transmissão. Outro traço característico das ferramentas informatizadas é alto poder de penetrabilidade que elas possuem, seja porque são mais atraentes e manejáveis, ou porque atingem a massa; seja como for, seria no mínimo, temerário, ignorá-las.

Nesse sentido, o advento dessas ferramentas talvez tenha o dom “quase mágico” de retirar do professor uma missão que nunca lhe coube, a de transmissor do conhecimento. Cabe-lhe, isto sim, a (muito mais nobre) tarefa de construção do conhecimento. Se na tarefa de transmissão o professor era substituível, nessa, a da construção, ele tem um papel muito mais relevante e vital.